



Conhecimento dos professores para o ensino de educação sexual hiv/aids no ensino fundamental de 1º a 5º ano nas escolas municipais da região metropolitana de Belém –Pará-Brasil

Júlio César da Silva Corrêa

Prof. Me.

Instituição: Faculdade Estácio Ananindeua

E-mail: 218309402@professores.estacio.br

ORCID: 0000-0002-7303-1479

Christiane Kline de Lacerda Silva

Prof^a. Dr^a.

Instituição: Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC /PY

E-mail: chrisklline@gmail.com

ORCID: 0000-0002-2973-8100

Adriana Estefania Mónico Bordino

Prof^a. Dr^a.

Instituição: Universidad Columbia del Paraguay

E-mail: adriana.monico@columbiacentral.edu.py

ORCID: 0000-0003-2287-3833.

Luciana de Fatima da Costa Moraes

Fis.Esp.

Instituição: Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará

E-mail: lfc Moraes@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-3434-826X

Luciano Salazar Moraes

Prof^o. Esp.

Instituição: Universidade Mauricio de Nassau – UNINASSAU

E-mail: lucianosamo@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-2931-5156

RESUMO

A referida pesquisa tem como pergunta principal: Qual é o conhecimento que os professores(as) do Ensino Fundamental de 1º a 5º ano possuem com relação a educação sexual, mas especificamente o controle e prevenção do HIV/AIDS? Para tanto optou-se por realizar uma investigação do tipo: Exploratória Exploratória, Descritiva Correlacional sob a ótica da abordagem mista (dados qualitativos e quantitativos). A coleta de dados foi realizada via questionário *google forms* destinados aos professores e PVHA's e entrevista de forma presencial junto aos gestores das secretarias de educação municipais. Tomou-se como base teórica de discussão os seguintes autores: Vainfas(1977), Daniel; Baudry (1977), Foucault (1984), Fonseca et al (2000), Scheffer (2000), Brasil (2004/2011), Reis; Gil(2010), Dantas et al (2015) dentre outros e análise dos dados colhidos Bardin(1977) e software SPSS. A pesquisa nos dará dados para instrumentalizar professores do Ensino Fundamental no desenvolvimento do trabalho pedagógico de educação sexual acerca do HIV/AIDS. Observou-se ainda de forma parcial que os professores não possuem informações adequadas acerca do HIV/AIDS e da sexualidade humana e quando necessitam orientar algum aluno(a) esbaram nas questões familiares, religiosas e culturais. Conclui-se que há necessidade de instrumentalizar o professor



acerca da prevenção, controle e tratamento do HIV/AIDS de conteúdos e conceitos sobre a sexualidade humana.

Palavras-chave: HIV/AIDS, Conhecimento, Professor, Educação Sexual, Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

O artigo e parte do resultado parcial dos dados colhidos em campo de uma pesquisa de doutorado em andamento em Ciências da Educação da *Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC /PY*. Tendo como pergunta principal de investigação: Qual é o conhecimento que os professores(as) do Ensino Fundamental de 1º a 5º ano possuem com relação a educação sexual, mas especificamente o controle e prevenção do HIV/AIDS?

A problemática nos conduziu a realização de uma pesquisa do tipo Exploratória, Descritiva Correlacional sob a ótica da abordagem mista (dados qualitativos e quantitativos). Tendo como objetivo: Analisar de forma crítico-reflexiva o conhecimento em educação sexual HIV/AIDS que tem os professores do Ensino Fundamental de 1º a 5º ano nas Escolas Municipais da Região Metropolitana de Belém como mecanismo de minimizar o aumento de novos casos e mortes por HIV/AIDS.

Neste sentido, teve-se como objetivo geral: Analisar de forma crítico-reflexiva o conhecimento em educação sexual HIV/AIDS que tem os professores do Ensino Fundamental de 1º a 5º ano nas Escolas Municipais da Região Metropolitana de Belém como mecanismo de minimizar o aumento de novos casos e mortes por HIV/AIDS.

Vale ressaltar, que a primeira publicação dos dados parciais da pesquisa se deu no livro: BORDINO, Adriana Estefania Mónico; SILVA, Christiane Klline de Lacerda; CORRÊA, Júlio César da Silva, MORAES, Luciana de Fatima da Costa; MORAIS, Luciano Salazar. Orientação sexual na escola, soro positivo e homossexualidade: preconceito, discriminação e aceitabilidade a partir do espaço-tempo de sala de aula. In.: SILVA, Daniel Augusto da; CARVALHO JUIOR, Fábio Ferreira de (Orga's) **Ciências da Saúde: Desafios e Pontencialidades em Pesquisa**. O artigo reuniu orientadora, co-orientadora, autor da tese e pesquisadores.

Mas, houve adequação do título, da metodologia e objetivos em decorrência da orientação do leitor do projeto de tese somado as orientações da orientadora e co-aprientadora, fez-se as modificações e novamente se esta apresentando os dados parciais.

A investigação fornecerá dados que possibilitará a compreensão e entendimento das dificuldades do professor em promover a Educação Sexual no espaço-tempo de sala de aula, bem como, instruemntalizar o professor acerca do conhecimento do HIV/AIDS e sexualidade humana dando a pesquisadores e profissionais de educação condições a partir dos resultados de prover projetos que visem Educação Sexual



na Educação Básica, bem como, realizar campanhas de prevenção ao HIV/AIDS com curso de formação de multiplicadores tendo como foco professores da Educação Básica.

2 HIV/AIDS E SEXUALIDADE: O PROFESSOR FRENTE A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO-TEMPO DE SALA DE AULA

Educação destina-se aos males sociais(...) o medico trata pessoas doentes, o político fornece os médicos para os males do governo e o educador deve ser considerado o medico da sociedade. Porém enquanto o medico e o político praticam uma medicina curativa a atuação do educador é preventiva (...) a educação deve alcançar o objetivo de desenvolver as capacidades dos estudantes para criação de valores em prol do bem-estar da sociedade e dele próprio (MAKIGUTI, 1994,p. 57)

O educador japonês Tsenassaburo Makiguti(1994) faz uma afirmativa correta em sua colocação, pois a informação/ conhecimento retira as vendas da ignorância que se tem diante HIV/AIDS que provoca discriminação e preconceito.

A escola na figura do professor e demais atores que compõem o universo escolar devem e/ou deveriam trabalhar a Educação Sexual e sexualidade humana,mas precisamente conhecimento sobre HIV/AIDS - Pedagogia da Prevenção e Pedagogia Tratamento.

Vale ressaltar, que no ano de 2021 foram registrados 35.246 casos de AIDS, no período de 2011 a 2021 ocorreram 52.513 jovens infectados com HIV, na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, a evolução para AIDS se deu maior em homens na proporção de 36 homens para cada 10 mulheres. Entre 2000 e 2022 foram notificados 149.591 gestantes /parturientes/puérpera infectadas pelo HIV, o Estado do Pará teve um aumento significativo de números de infectados pelo HIV (BRASIL,2022) se há um aumento vertiginoso de novos casos, onde poderá estar o erro na Pedagogia da Prevenção ou na Pedagogia do Tratamento as ações não estão surtindo efeito, ou melhor, o conhecimento não esta chegando na população chave.

A escola na figura do professor deve fazer a sua parte na dissiminação do conhecimento adequado sobre HIV/AIDS a população jovem adentra no universo do prazer sem saber se prevenir e os cuidados com o corpo. Falar sobre sexo e/ou sexualidade ainda é um tabu os pais/responsáveis não falam e jogam em parte para a escola fazer isso, e quando no espaço-tempo de sala de aula o professor faz, ele é contestado e em alguns casos proibido de falar sobre sexo /sexualidade (SILVA, 2018, DACROCE;CORRÊA, 2021)

O espaço-tempo escolar reuni ideias, sonhos, tipos físicos, cor de pele, classe social, religiões, filosofia de vida e orientação sexual diferentes, todos tem que conviver e/ou deveriam conviver com as diferenças e aceita-las como algo comum que faz parte do dia-a-dia, mas o que realmente acontece é o aumento vertiginoso de posturas pré-concebidas e preconceituosas diante das diferenças que na sala de aula se entrelaçam criando expectativas, ansiedades dentre outros.



Os pré-conceitos e preconceitos se tornaram mais frequentes diante da orientação sexual dos indivíduos seja homem ou mulher, mas tudo se agrava quando este além ser: homossexual, travesti, bissexual, transgênero for negro, pobre, analfabeto e somente a soma de um desses a discriminação aumenta ocasionando irá da ignorância de cada um diante do outro que só quer ser feliz e mais nada. Mas a ignorância de conhecimento pode provocar a entrada na estatística do HIV/AIDS.

A vivência plena da sexualidade traz ao espaço-escolar discussões que antes ficava de fora limitada ao ambiente familiar e/ou da vizinhança dos alunos. O fato é que a escola não se pode e/ou não deve se calar diante de algumas situações que ocorrem no universo social, tais como: aumento de casos de HIV/AIDS, adolescentes agredidos e mortos por serem homossexuais, transexuais são mortos em seu local de trabalho (prostituição), homens e mulheres perdem o emprego por assumirem seu gosto por pessoas do mesmo sexo, há também homens e mulheres que se apresentam bissexuais ou durante um tempo transitam entre a heterossexualidade-homossexualidade-bissexualidade estão ainda em construção de seu perfil sexual.

A escola deve ser um espaço privilegiado de discussões acerca de temas que norteiam o universo social, pois o preconceito e os pré-conceitos surgem no seio familiar e tomam raiz e forma na dinâmica de sala de aula, na relação: professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor, professor–direção-corpo técnico, aluno-direção-corpo técnico e professor-pais-aluno.

As diferenças existem seja para que lado se olhe, mas não se pode deixar que a má informação / ignorância, que os preconceitos e pré-conceitos tomem forma de violência, discriminação, chacota (brincadeiras de mau gosto) dentre outras formas depreciativas de lidar com outro ser humano que vive sua sexualidade diferente da “grande maioria” será que ser “normal” e ser a maioria? E se a maioria estiver errada? São indagações que todos deveriam se fazer antes de rotular e/ou criticar outrem por amar alguém do mesmo sexo.

A história da humanidade nos remete o resultado ou a soma das influencias – família, ambiente, cultura - que constrói o indivíduo hetero, homossexualidade, bissexual, trans dentre outros a criança *Queer* sofre por ser diferente e ainda nem tem noção de suas diferenças. Pesquisas antropológicas nas ilhas da Nova Guiné e da Melanésia deixaram evidente a prática de rituais de iniciação homossexual entre velhos e jovens, os quais também existiram na Grécia, em Roma e entre todos os povos que ocupavam o pedaço do mundo que ia do Atlântico ao Ganges (VEYNE,1982, VIDAL el al ,1985, ANDRADE,2017 e DACROCE;CORRÊA,2021).

Vale ratificar que entre os gregos e romanos era perfeitamente normal que os homens tivessem relações sexuais com outros homens, como demonstração de poder, e tivessem também suas mulheres. Na sociedade ateniense era perfeitamente natural que um jovem fosse possuído sexualmente por um adulto, porque seu papel na sociedade era de passividade. Já, em Roma Antiga, as regras de dominação eram mais violentas, e os parceiros seriam escolhidos entre escravos, prostitutas e prisioneiros de guerra.



Os temíveis exércitos de Tebas e de Esparta possuíam unidades formadas por pares de amantes homossexuais. Essas tropas, capazes de bravura suicida, eram estimuladas por ideias como as de Platão que achava que um homossexual nunca abandonaria seu amante em combate e procuraria honrá-lo com feitos heroicos.

Lasso (1985), nos relata que na cultura japonesa, na Era Meiji, a homossexualidade era uma forma espontânea de viver sua sexualidade, vinculava-se aos valores de coragem no serviço militar.

Na sociedade Chukchees da Sibéria considerava-se um travestido como um Xamã (sacerdote, feiticeiro), que casava com outro homem e se comportava como mulher. Na comunidade dos Siwanos na África, ali todos os homens e rapazes tinham relações sexuais anais e não eram considerados homossexuais, casados e solteiros. Vale lembrar que faz parte dos ritos de iniciação à puberdade da Tribo Keraki, da Nova Guiné, os solteiros copularem ativamente com os novos – adolescentes (VIDAL,1985).

Mas, durante a história, com os interesses políticos, religiosos e econômicos, a homossexualidade sofreu duros golpes ao longo dos séculos. A Lei Lex Scantinia(226 a.C) é uma prova que exprime muito bem os preconceitos postos diante do ser homossexual, pois somente por volta do século 14, porém, é que a bissexualidade foi descartada da consciência social e a natureza humana foi definitivamente dividida entre homo e heterossexual. A primeira condição deveria, a partir daí, ser reprimida e a segunda, publicamente estimulada (GAFO,1985)

No século XVIII, o homossexual era insultado e tratado como um pecador. Graças à impossibilidade de procriação, seu papel na emergente sociedade de consumo ficou prejudicado. No século 19, surgiu entre os médicos a teoria de que a homossexualidade nada mais era do que uma degeneração – ideia que, além das classes instruídas, rapidamente conquistou as igrejas católica e protestante. Entre os métodos de cura da “perversão” estavam a castração, a terapia de choque e a lobotomia. Nenhuma dessas técnicas, no entanto, teve o efeito pretendido, mas deu raiz a homofobia e ver a vivencia de uma sexualidade que não segue a maioria dita “normal” como padrão a ser seguido.

Vale ressaltar, que a postura sexual ou papel sexual a qual o individuo vai se identificar será construído no decorrer de seu desenvolvimento físico-biológico somado as experiências vividas neste transcurso. Assim, na adolescência é sem dúvida um período difícil no desenvolvimento do ser humano, com mais desafio que na infância, caracterizado por mudanças que se operam na forma física e repercutem significativamente na conduta psicológica e na forma de relacionamento social e claro em sua sexualidade.

No desenvolvimento e na construção de sua sexualidade muita das vezes a criança só pode contar com o professor para tirar suas duvidas, do que ser ou fazer, pois os pais e responsáveis estão seguros com sua forma de pensar, agir em conformidade de sua cultura, religiosidade dentre outros deixando deixando de lado o que sua criança deseja. Mas também os professores tem suas dificuldade com relação ao trabalho



pedagógico da Educação Sexual, pois ele é produto de uma família, cultura e de uma religião que deixa marcas profundas que distorce a visão científica.

Neste sentido, a Educação Sexual nas escolas via professor de Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano pode contribuir para o bem estar das crianças futuros adultos vistos que constitui local privilegiado para a abordagem de forma sistematizada a cerca da prevenção as doenças sexualmente transmissíveis HIV/AIDS, drogas e métodos anticoncepcionais; gravidez dentre outros devido o tempo de permanência do individuo no espaço-tempo de sala de aula /escolar e as oportunidades de trocas, convívio social e relacionamento e relacionamento amorosos.

A educação sexual abrangente baseada na escola desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e do bem-estar de crianças e adolescentes, tanto agora quanto no futuro. Ela melhora os resultados em saúde sexual e reprodutiva, inclusive para infecções sexualmente transmissíveis (IST) e HIV, promove ambientes de aprendizagem seguros e equitativos de gênero e melhora o acesso à educação (UNAIDS,2012,p.1)

Assim, a Educação Sexual deve ocorrer na escola é um aprescrição da UNAIDS como forma/meio de enfrentamento do HIV/AIDS, até mesmo a sexualidade está presente desde o nascimento até a morte nas (inter)relações com as pessoas, ou consigo mesmas, enquanto seres sexuados. Então gradativamente na relação com o outro apreendemos a usar a nossa sexualidade, e no período da puberdade é que os hormônios fazem sua parte, então o menino /menina se sentem propenso à descoberta do sexo e no espaço-tempo de sala de sala de aula da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental as descobertas se dão ou a necessidade de saber.

A palavra puberdade provém do latim *pubes*, que significa pêlos, logo o verbo derivado do substantivo *pubes* significa cobrir-se de penugens. È o sinal da natureza avisando aos meninos e meninas que chegou os últimos dias da infância; iniciam-se as modificações físicas: os meninos e as meninas começam a tomar feições de homens e de mulheres adultas propriamente ditas e no início da adolescência, nesta fase, meninos e meninas procuram seus pares, que não necessariamente sejam o sexo oposto, mas a família e a escola ensinam diferente que só há quando é do sexo oposto, como fica cabeça do adolescente que se ver atraído por alguém do mesmo sexo.

Segundo Carvalho; Fagundes (1997) as modificações físicas variam muito: quanto à data e ao ritmo. Elas sofrem interferências diretas de fatores geográficos, econômicos, históricos, sexuais (meninos e meninas) e psicológicos. Podemos ainda dizer que a puberdade é marcada pela maturação biológica – processo de amadurecimento do corpo, dos aspectos biológicos de uma pessoa, é a adolescência escrevendo sua presença na história de cada individuo, e pode estender-se dos 17 aos 21 anos de idade.

A adolescência pode ser definida como processo de transição entre o ser criança e o ser adulto, ou ainda, para qualificar os processos psicológicos de adaptações da puberdade que cada indivíduo passa em



seu desenvolvimento. No período da adolescência, a preocupação com o corpo a aparência são a preocupação do dia. “Essa preocupação com o próprio corpo aparece, muitas vezes, mesclada de sentimentos de inadequação” (WROBEL et al,1998, p.22). Outro fator pertinente à discussão é que no período da adolescência a atração pelo sexo oposto ou não se intensifica. O adolescente se descobre homossexual se descobre e busca a atenção do outro, seja apresentando traços afeminados, seja com exagero de masculinidade. O fato é que o corpo anseia pelo toque, e pelo envolvimento emocional (LASSO,1985).

Neste sentido, os pais deveriam educar seus filhos na vivência sem repressão da sexualidade seja ela homo, heto, bi, trans...., pois a rejeição ocasiona mais um trauma ao adolescente, que ainda engatinha na vivência do conhecimento do seu próprio corpo. Svevo (2007), os pais são os primeiros a não aceitar a homossexualidade dos seus filhos, o sentimento de vergonha do adolescente e dos pais é grande, e a pergunta é “onde foi que errei?”

A discriminação embalada por medo de tocar no assunto na escola e no seio familiar é reflexo de anos de construções de sexualidade distorcidas e impostas como modelos do que é certo ou errado. Neste aspecto temos as filosofias religiosas que brincam de Deus e deuses, impondo a todos o que lícito ou ilícito fazer diante do sexo. Quem ainda não ouvir que o sexo é para procriar e não para o prazer, são verdades construídas desde muito cedo por nossos pais e reforçadas na escola, lá no período da Educação Infantil. Acreditamos que seja a primeira barreira que o adolescente homossexual encontra, pois a relação homem-homem não procria (BORDINO et al.2023).

Foucault (1988), na História da Sexualidade, afirma que ainda hoje vivemos num mundo em que nossa sexualidade é contida, muda e hipócrita, a sociedade não deixa o outro assumir o que deseja, o que lhe dá prazer, pelo simples fato que este não pode, pois há uma regra a ser seguida.

Granúzzio (2007),afirma que falar sobre sexo com crianças, adolescentes, homens, mulheres constitui-se hoje uma forma de controle de comportamento. O professor de educação infantil vai guiando, mesmo que inconscientemente, as normas de condutas das crianças e essas, sem um desenvolvido grau de criticidade, vão aceitando valores padrões instituídos pela sociedade. Quando chegam ao Ensino Médio ou Superior, esquecem o modo que adquiriram tais valores e passam a aceitá-los como verdades puras, de difícil modificação.

Parte daí a dificuldade do adolescente de se aceitar *Queer*, sem medo de ser feliz, aceitar que todos possuem limites. Há as regras e para serem discutidas e não assimiladas de forma não crítica. Este é o primeiro passo que deve ser percorrido e até chegar nas informações /conhecimentos pertinentes ao HIV/AIDS para que este individuo possa estar protegido, por saber ser proteger.

Em 1997, O Ministério da Educação e do Desporto propõe os PCN's para o Ensino Fundamental em todas as escolas brasileiras. Essa proposta curricular inclui, como um dos temas transversais, a Orientação Sexual a ser abordada pelos professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (Séries Iniciais 1º ao 5º



ano), permeando as diversas disciplinas. Em 1998, a proposta se expande, abrangendo o currículo de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (atualmente 6ª a 9ª série) e Ensino Médio. Mas se atentou para o fato de que os professores, seja de qualquer nível de atuação, não estavam preparados para discutirem acerca da sexualidade sem constrangimento ou posicionamento preconceituoso (BORDINO et al, 2023).

O espaço escola deve atender no seu currículo seja da Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano ou Ensino Médio conteúdos que possam instrumentalizar a criança a saber sobre seu corpo e sua sexualidade. Neste sentido, o professor deve estar preparado para saber falar sem medo e constrangimento e acima de tudo seguro do conhecimento que irá fazer a transposição didática acerca da Educação Sexual.

A escola deve preparar e dar a conhecer ao seu alunado faça suas escolhas diante do papel que deseja assumir na sociedade, tendo uma visão crítica do estar no mundo e com o mundo e ter acesso ao conhecimento científico sobre HIV/AIDS para tanto o professor deve estar instrumentalizado para fazer o preparo de seu alunado no momento certo de forma adequada.

3 PASSOS METODOLÓGICOS

A investigação irá envolver-se na dinâmica escolar e seus atores que mediam aprendizagem, ou seja, o professor, pois acredita-se que escola pode contribuir para diminuição de novos casos de infecções de HIV/AIDS e mortes, bem como, trabalhar a aceitabilidade das diferenças a partir da ação do professor que atua no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, pois a escola deveria atender para as diferenças e dúvidas acerca da sexualidade e educar quando necessário o alunado a saber se direcionar e a vivenciar os meandros da sexualidade e da prática do sexo seguro.

Abreu & Masetto (1990), Freire (1996) e Gomes discorrem sobre a relação professor-aluno de empatia e de cooperação que auxilia na comunicação entre ambos.

As descobertas e transformações do corpo são gradativas que vai estar presente desde a Educação Infantil onde a criança no banho pedagógico percebe que é diferente de seu colega, inicia aí as perguntas, os porquês? E claro irá se consolidando no decorrer da escolaridade na pré-adolescência e depois na adolescência irão se intensificar, a natureza vai provocar mudanças físicas, emocionais etc. e assim o alunado busca respostas para as transformações físicas, o interesse sexual dentre outros e vê no professor a possibilidade de respostas as suas perguntas.

3.1 TIPO DE INVESTIGAÇÃO

A investigação científica tem como foco a aplicação de um método científico, para que a partir deste se construa, elabore informações relevantes e confiáveis para compreender, corrigir, verificar e aplicar o conhecimento obtido (DACROCE; CORRÊA, 2021). Assim, a investigação se propõe a analisar educação



sexual realizada nas Escolas Municipais da Região Metropolitana de Belém no Ensino Fundamental de 1º a 5º ano com o intuito de diminuir novos casos de infecção do HIV/AIDS.

A investigação em tela se configura como uma pesquisa Exploratória, Descritiva Correlacional sob a ótica da abordagem mista (dados qualitativos e quantitativos).

No tocante a questão correlacional pretende-se relacionar os dados colhidos junto aos PVHA's gay (dados qualitativos), Secretários de educação ou diretores de Ensino (dados qualitativos) com os dados dos professores de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental (dados quantitativos) e PVHA's de forma geral (dados quantitativos) ligados a ONG. Arte Pela Vida (UREMIA – atende crianças 0 – 16 anos parturiente, UREDIPE – atende 16 anos em diante, Casa Dia – atende PVHA's da Região Metropolitana de Belém, SAE-CTA Belém, SAE-CTA Ananindeua, SAE-CTA Marituba e Setor de AIDS do Hospital Universitário João Barros Barreto) entrevendo a relação íntima entre educação sexual e redução de novos casos de HIV/AIDS e aceitação das diferenças. Os estudos correlacionais “associam variáveis mediante um padrão previsível para um grupo ou população” (SAMPIERI; CALLADO; LUCIO, 2013, p.103).

A partir dos dados colhidos em campo puder entrelaçar os dados qualitativos e quantitativos relacionando gestores, professores, PVHA's gay's e PVHA em geral dando condições de entendimento melhor da temática em tela de enfrentamento do HIV/AIDS com relação a diminuição de novos agravos e aceitação das diferenças.

Os métodos mistos representam um conjunto de processos sistemáticos e críticos de pesquisa e implicam a coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos, assim como sua integração e discussão conjunta, para realizar inferências como produto de toda a informação coletada (metainferências) e conseguir um maior entendimento do fenômeno em estudo (HERNÁNDEZ SAMPIERI; MENDOZA, 2008 apud SAMPIERI, COLLADO; LUCIO, 2013, p.550)

Na investigação de cunho misto não visa substituir a pesquisa quantitativa ou a qualitativa, mas se apropriar dos pontos fortes de ambas promovendo a combinação e minimizando os pontos fracos. É possibilitar uma análise mais aprofundado do objeto de investigação dando ao pesquisador um conhecimento a mais do fenômeno investigado.

Sampieri; Callado; Lucio (2013), na abordagem qualitativa, os estudos iniciam-se de forma exploratória descritiva, delineiam-se com tipos correlacionais, sem exploração de dados estatísticos, mas urge a necessidade de realização de trabalho de campo.

A abordagem qualitativa é um campo de investigação interdisciplinar e transdisciplinar que adentra o ser humano, com base nas Ciências Sociais e Físicas. Produzindo dados descritivos por intermédio da observação das falas das pessoas, do comportamento e da escrita (CAMARGO; FERNÁNDEZ, 2019).

A pesquisa quantitativa lida com dados numéricos, a partir de aplicação de questionários com perguntas fechadas que facilita a análise do objeto de investigação utilizando diferentes técnicas estatísticas



para quantificar opiniões e informações acerca de algo que o pesquisador deseja investigar (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, ARANDA, 2016).

A investigação em tela viabilizará um calidoscópio do campo de investigação da possibilidade do trabalho pedagógico da orientação sexual (HIV/AIDS, Pedagogia da Prevenção e Pedagogia do Tratamento) por intermédio do gestor e professor do Ensino Fundamental de 1º a 5º ano e PVHA's ligados a ONG Arte Pela Vida.

3.2 DESENHO

O desenho é a tarefa que se realiza antes de proceder à recolha sistemática de dados, é um esboço da investigação por intermédio de decisões processuais específicas. (HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ; DE BARROS CAMARGO, 2018).

Nesta pesquisa, optou-se pelo designo Não Experimental, uma vez que os fenômenos serão observados em seu contexto natural, e posteriormente analisados. Vale ressaltar que, em uma investigação com delineamento não experimental, não há manipulação da variável independente e, além disso, os grupos de estudo não são formados aleatoriamente. Os dados são coletados e depois interpretados, já que não há intervenção direta sobre o fenômeno.

3.3 ENFOQUE

A abordagem selecionada é exploratória-descritiva-correlacional sob a ótica da abordagem mista ou qualitativo-quantitativa, também conhecida como híbrida.

Essa abordagem é a integração sistemática dos métodos qualitativos e quantitativos, em um único estudo, a fim de obter uma análise mais completa do fenômeno. (Hernández Fernández & De Barros Camargo, 2018 citado por Hernández, Fernández e Baptista, 2003)

3.4 POPULAÇÃO / AMOSTRA

A base da amostra é o conjunto de sujeitos da população realmente disponível para a seleção da amostra. Deve corresponder à população, mas nem sempre. A unidade da mostra de estudo é o elemento individual que constitui o quadro de amostra e sobre o qual se obterá informação. (HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ ; DE BARROS CAMARGO, 2018).

3.4.1 Lócus de investigação

Figura Nº 01 - Mapa Região Metropolitana de Belém.



Fonte: Pereira; Vieira (2016, p.734) - Elaboração a partir dos dados do IBGE e ANA

O *lócus* de investigação gestores das Secretarias de Educação dos Municípios da Região Metropolitana de Belém (Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Barbara, Santa Izabel e Castanhal) professores de Ensino Fundamental de 1º a 5º ano, PVHA's gay's e PVHA's ligados a Rede de Atendimento da ONG. Arte pela Vida.

a) Dados quantitativos:

- Dados gerais de indivíduos que fazem tratamento no SAE's da Região Metropolitana de Belém no período de 2016 a 2020 (Belém, Ananindeua, Marituba e Castanhal, os municípios de Santa Barbará, Benevides e Santa Izabel não possuem SAE's por não ter número populacional que configure a instalação de um SAE pelo Governo Federal, estadual ou Municipal). Os dados são públicos e dispostos em boletins epidemiológicos via Secretaria Estadual de Saúde pública do Pará - SESPA ou Ministério da Saúde;
- Aplicação do formulário tipo *Survey* com perguntas estruturadas para PVHA's da Rede de Atendimento ligados a ONG. Arte Pela Vida.
- Aplicação do formulário tipo *Survey* com perguntas estruturadas para professores de 1º ao 5º da Rede Municipal da Região Metropolitana de Belém.

b) Dados qualitativos:

- Realizar aplicação de questionário semiestruturadas e abertas junto aos PVHA's gay's que fazem parte da Rede de Atendimento (Arte Pela Vida). A adesão a pesquisa será de forma espontânea com utilização de questionário via *google forms (Survey)*, consequentemente não havendo a necessidade de contado direto respeitando a vida privada e o anonimato do indivíduo participante da investigação;



- Entrevistas com os Secretários Municipais de Educação ou Diretores de Ensino da Região Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Barbará, Santa Izabel e Castanhal) – (roteiro em anexo)

3.4.2 População amostra

A amostragem será aleatória sistemática e a estratificação da amostra será de atribuição proporcional (González, Fernández & Camargo, 2014 e Aranda,2016).

Quadro -Nº1 - Escolas Municipais da Região Metropolitana de Belém

Município	Nº de Escolas	Professores -Serie Iniciais
Belém	365	2115
Ananindeua	173	930
Marituba	67	382
Benevides	48	213
Santa Barbará	26	82
Santa Izabel	56	182
Castanhal	99	495

Fonte: Censo Escolar (2022)

- ONG Arte pela Vida atende diretamente 600 PVHA's gay's e 1500 PVHA's em geral (homens, mulheres, crianças, adolescentes, idosos etc.)
- Secretários Municipais de Educação ou Diretores de Ensino dos Municípios da Região Metropolitana de Belém;
- Professores do Ensino Fundamental que atuam do 1º ao 5º ano da Rede Pública Municipal de Ensino de cada Município da Região Metropolitana de Belém;

3.4.2.1 Critérios de participação na investigação

Inclusão

- PVHA's gay's com adesão ao tratamento;
- PVHA's ligados de forma legal a ONG Arte pela Vida;
- Professores concursados e/ou contratados mais de um ano de exercício.

Exclusão

- PVHA's sem adesão ao tratamento;
- PVHA's menor de idade;
- Professores que estejam afastados e/ou esperando aposentadoria;



3.4.3 Tamanho e precisão desejados

Se planeja realizar uma análise quantitativa da pesquisa junto aos professores do 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental de escolas municipais da Região Metropolitana de Belém-Pará, Brasil; e da comunidade PVHA vinculados à ONG Arte Pela Vida, para o efeito é considerado como erro de amostragem 5% a 95% de confiança.

a. Professores do Ensino Fundamental do 1° a 5° ano

O cálculo da amostra é determinado da seguinte forma, considerando a população de professores da Região Metropolitana de Belém-Pará, segundo o censo escolar do ano 2022 (Quadro N°1), obtendo como população total de 4399 professores.

Margem: 5%
Nivel de confianza: 95%
Poblacion: 4399

Tamaño de muestra: **354**

Ecuacion Estadística para Proporciones poblacionales

n= Tamaño de la muestra
Z= Nivel de confianza deseado
p= Proporción de la población con la característica deseada (éxito)
q= Proporción de la población sin la característica deseada (fracaso)
e= Nivel de error dispuesto a cometer
N= Tamaño de la población

$$n = \frac{z^2(p \cdot q)}{e^2 + \frac{z^2(p \cdot q)}{N}}$$

b. Comunidade PVHA vinculados a ONG Arte pela vida

O cálculo da amostra é determinado da seguinte forma, considerando os dados fornecidos pela ONG colaboradora.

Margem: 5%
Nivel de confianza: 95%
Poblacion: 1500

Tamaño de muestra: **306**

Ecuacion Estadística para Proporciones poblacionales

n= Tamaño de la muestra
Z= Nivel de confianza deseado
p= Proporción de la población con la característica deseada (éxito)
q= Proporción de la población sin la característica deseada (fracaso)
e= Nivel de error dispuesto a cometer
N= Tamaño de la población

$$n = \frac{z^2(p \cdot q)}{e^2 + \frac{z^2(p \cdot q)}{N}}$$



c. Análise Qualitativa

Para a análise qualitativa, serão realizadas entrevistas com os gestores das Secretarias de Educação da Região Metropolitana de Belém-Pará, Brasil, os critérios de inclusão serão os gestores pertencentes às Secretarias de Educação da Região Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Barbara, Santa Isabel e Castanhal) e os critérios de exclusão serão os gestores que não desejarem participar do estudo.

Devido à profundidade do tipo de estudo, optou-se por realizar um cálculo amostral com 90% de confiabilidade e 10% de margem de erro, considerando a população de 600 sujeitos com PVHA vinculados à ONG Arte Pela Vida.

Margem: 10%
Nível de confiança: 90%
Poblacion: 600

Tamaño de muestra: **61**

Ecuacion Estadística para Proporciones poblacionales

n= Tamaño de la muestra
Z= Nivel de confianza deseado
p= Proporción de la población con la característica deseada (éxito)
q= Proporción de la población sin la característica deseada (fracaso)
e= Nivel de error dispuesto a cometer
N= Tamaño de la población

$$n = \frac{z^2(p \cdot q)}{e^2 + \frac{z^2(p \cdot q)}{N}}$$

3.5 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS COLETAM DE DADOS

- Técnicas/Metodologia de coleta

As técnicas possibilitaram a imersão no ambiente /lôcus investigado e os instrumentos viabilizará a coleta e registo das informações necessárias para pesquisador analisar, compreender, entender e intervir sobre o objeto da investigação (Luck & André,1986 e Gondenberg,2011)

- Levantamento bibliográfico acerca da temática, buscar livros, artigos científicos dentre outras publicações que possam dar suporte a análise e interpretação dos dados que serão colhidos em campo, fazendo ficha catalográfica com informações acerca do material encontrado e sua relevância para a pesquisa. Buscas em repositórios: TESEO, CAPES, Scopus e CICCOC como forma de levantar a relevância da investigação e perceber o que avanços nas pesquisas acerca da educação sexual HIV/AIDS;

- Fichamento a partir do levantamento da bibliografia levantada fazer triagem do acervo levantado e posterior separação do material já feito a primeira leitura;



- Resenha dos livros, capítulos de livros e artigos, ação realizada depois do fichamento leitura e análise do material encontrado e produzir um texto;
- Levantamento e garimpagem dos dados quantitativos de agravos de HIV/AIDS (dados oficiais). Triagem de dados estatísticos referentes a números de casos que envolvem a população chave de investigação;
- Visita in lócus, deslocamento até as Secretarias Municipais de Educação para realização das entrevistas e coleta de algum documento pertinente a investigação.
- Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos em uma pesquisa científica está intimamente relacionada com a coleta de dados de investigação, são as ferramentas que farão parte do processo de coleta *in lócus*, para posterior análise do material levantado em campo. (GIL, 1987, SANTOS,1999).

Bogdan; Biklen (1994) e Gerhardt; Silveira (2009) os autores dão os passos para a construção de um diário de campo, onde afirma que este deve conter duas partes distintas: a primeira descritiva contém as anotações acerca da: características dos entrevistados e local, como se desenvolveu a entrevista o que foi observado no momento ações dos entrevistados, e registrar tudo o que transcorreu momento da coleta de dados a segunda reflexiva: análise de tudo que registrado no diário de campo, as ideias implícitas e explícitas dos entrevistados e local, a observação feita no momento da coleta.

- Diário de campo, o intuito é registrar as visitas aos gestores municipais para posteriormente analisar as impressões percebidas durante as entrevistas realizadas.

Gerhardt; Silveira (2009) com base nas colocações de Beaud; Weber (1998). Afirmam que o diário de campo pode ser feito em um caderno, mas deve ser organizado da seguinte forma: na direita toma-se para registro: as datas (caso ache necessário horário da coleta), e nomes das pessoas (nome do entrevistado / cargo /função), lugares (local de coleta) e no lado esquerdo da página do caderno: questões a serem perguntadas (semiestruturadas ou abertas), hipóteses (contidas no projeto de investigação), leituras (anotações de base teórica do que será investigado junto ao entrevistado) apoio teórico para pesquisador. Assim, facilitando o trabalho de análise e interpretação dos dados colhidos em campo.

- Aplicação de questionário junto aos professores de 1º a 5º ano de Ensino Fundamental de escolas municipais e PVHA da Rede de Atendimento (questionário em anexo);
- Aplicação de entrevista junto aos PVHA's Gay ligados a Rede de Atendimento Arte pela Vida;
- Aplicação de questionário junto aos PVHA's em geral ligados a Rede de Atendimento Arte Pela Vida;
- Entrevista junto aos Secretários de Educação (Roteiro em anexo).



As técnicas que se propõe para correlacionar com os dados quantitativos são questionários com perguntas fechadas

Para a análise qualitativa, a técnica que se propõe usar são as entrevistas em profundidade com os gestores das Secretarias Municipais de Educação da Região Metropolitana de Belém e comunidade masculina gay ligados a ONG Arte Pela Vida, para eles se utilizará as guias de entrevistas como instrumento.

3.6 CATEGORIA DE ANÁLISE

- 1.- Conhecimento do professor de Ensino Fundamental de 1º a 5º ano acerca do HIV/AIDS;
 - 2.- Didática (metodologia e recursos) para trabalhar educação sexual junto aos alunos do Ensino Fundamental de 1º a 5º ano;
 - 3.- Interesse do gestor municipal em promover a educação sexual HIV/AIDS nas escolas do município;
 - 4.- Adesão ao tratamento de HIV/AIDS;
 - 5.- Conhecimento que o PVHA's tem acerca do HIV/AIDS;
 - 6.- Percepção de professores, gestores e PVHA's conhecimento acerca Educação Sexual HIV/AIDS.
- Esta categoria de análise é realizada anteriormente para estabelecer uma tabela de operacionalização onde serão estabelecidos os itens para o questionário quantitativo, a partir daí serão obtidas as perguntas-chave para realizar as entrevistas, levando em consideração que esses itens respondem aos objetivos específicos apresentados e, por sua vez, respondem ao objetivo geral da investigação.

3.7 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados colhidos em campo de investigação serem realizados por intermédio da aplicação de questionário (google forms) e entrevista serão analisados por intermédio da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) somado ao uso ATLAS.ti é um software de análise de dados qualitativos assistido por computador que facilita a análise de dados qualitativos para pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa e pesquisa de métodos mistos

Vale ressaltar, que o software ATLAS.ti auxilia na categorização de grupo dos dados colhidos em campo, auxiliando na compreensão dos mesmos, mas o software não analisa e nem sugere a interpretação dos dados colhidos ficando ao encargo do pesquisador realizar tão função. Os dados colhidos serão classificados, organizados e tratados pelo software, mas as conclusões cabem unicamente ao pesquisador.

Os dados quantitativos serão analisados por intermédio do Software estadístico SPSS V.29.



3.7.1 Sistematização por categorias de análise

Os dados obtidos em campo de investigação serão inseridos no software estatístico SPSS onde serão sistematizados por categorias.

3.7.2 Análise de Frequência das Médias

São medidas de um conjunto de dados que fornecem um valor simples e representativo que resume um grande volume de informações. Esse valor tende a ficar no meio (centro) do conjunto. (Hernández Fernández & De Barros Camargo, 2018). A análise de frequência média será realizada Software SPSS.

3.3 Teste Paramétrico e não paramétrico

Será considerado como teste paramétrico de U de Mann-Whitney, considerando um teste não paramétrico aplicado a amostras independentes. É utilizado quando os dados seguem uma ordem, mas não se pode presumir normalidades neles. Este teste permitirá saber se existe diferença na percepção que os inqueridos tiveram.

Os passos metodológicos aqui descritos possibilitaram a ida a campo de pesquisa e a coleta e análise dos dados coletados, ainda nos encontramos em fechamento e análise de algumas entrevistas e elaboração de gráficos, tabelas e quadros para que os resultados fiquem didáticos para o uso de professores e profissionais da área de saúde.

4 RESULTADOS PARCIAIS

Como já se relatou a investigação ainda encontra-se em andamento a análise e leitura dos dados utilizou-se o software ATLAS ti soando a Análise do Conteúdo de Bardin(1977). Teve-se dificuldade de com a população Pessoa Vivendo com HIV/AIDS - PVHA's o medo de ser exposto, mesmo sendo realizada a pesquisa via *google forms* sem identificação alguma e localização da fonte respondente (ética na pesquisa), mas o indivíduo tem medo da exposição e da discriminação e preconceito da sociedade, mas se conseguiu quebrar o medo e teve-se o acolhimento necessário e preciso para o desenvolvimento da pesquisa.

O acesso aos PVHA's se deu via a ONG Arte Pela Vida e sua equipe diretiva e a Pastoral da AIDS essas duas organizações foram de suma importância para execução da pesquisa.

No tocante aos professores a dificuldade se fez em decorrência da falta de tempo e da ausência no manuseio da tecnologia digital no momento do *google forms* e sua aplicação. O agradecimento de acesso se fez aos graduandos da Estácio Ananindeua do Curso de Pedagogia que viabilizaram os contatos dos professores e gestores municipais.

Obteve-se os seguintes resultados parciais:



- Não há trabalho sistemático na escola com relação à Educação Sexual, mas há uma demanda grande de pré-adolescentes e adolescente acerca de informações sobre HIV/AIDS;
- A discriminação e preconceito se dá em sua grande maioria no seio familiar e na escola com situações de agressividade verbal e física e principalmente aos PVHA's;
- As (Os) professoras(es) de Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano não se sentem habilitado para promover a Educação Sexual seus alunos, em decorrência de seus valores familiares, religiosos e culturais (currículo oculto);
- Não recursos didáticos para desenvolver a Educação Sexual dos alunos do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano ;
- O livro didático limita a discussão acerca da Educação Sexual – HIV/AIDS;
- Há possibilidade de explorar melhor o currículo escolar e desenvolver a Educação Sexual no espaço-tempo de sala de aula;
- Os professores do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano não conseguem educar seus alunos em decorrência da pressão familiar e religiosa, pois tudo ligado ao sexo /sexualidade é feio, errado e pecado;
- Os professores do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano precisam ser instrumentalizados acerca do conhecimento do HIV /AIDS (curso de formação);
- O enfrentamento do HIV/AIDS pode e deve ser realizado na Escola de Educação Básica há aceitabilidade por parte da gestão municipal, mas precisa haver um trabalho sistemático primeiro com a comunidade e posteriormente na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alunado da Educação Básica, mas precisamente Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano são cheios de dúvidas acerca HIV/AIDS e sexualidade e precisam respostas para suas indagações. Os dados estatísticos sobre o HIV /AIDS a cada dia mostra a população cada vez mais nova, isto quer dizer que a informação não está chegando a quem precisa.

A família por questões morais, culturais e religiosas não está orientando seus filhos consequentemente ele ou ela chegará a uma vida sexual ativa sem informação de como se prevenir acerca de algumas doenças (HIV/AIDS IST's), gravidez dentre outras. Neste sentido, a forma que se tem de enfrentamento se faz na qualificação do professor acerca do conhecimento sobre HIV/AIDS, ou seja de fato promover a Educação Sexual no espaço-tempo de sala de aula.

É o desafio a ser acolhido pelos gestores municipais da Grande Belém no enfrentamento do HIV/AIDS. Se instrumentalizar o professor este saberá como falar com seu alunado e sanar as indagações



e lacunas do querer saber, claro um saber científico respaldado na construção do conhecimento validado e testado.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de. Relacionamento Homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. *Faces da História*, Assis-SP, v.4, nº2, p. 58-72, Jun.-Dez., 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br> Acessado em: 26 jan./2023
- ARANDA, Tomás J. Campoy. *Metodología de La Investigación Científica*. Ciudad del Leste –PY: Escuela de Posgrado /Universidad Nacional del Este. 2016
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora.1994
- BORDINO, Adrian Estefania Mónico. Orientação sexual na escola, soro positivo e homossexualidade: preconceito, discriminação e aceitabilidade a partir do espaço-tempo de sala de aula. In.: SILVA, Daniel Augusto da; CARVALHO JUIOR, Fábio Ferreira de (Orga's) *Ciências da Saúde: Desafios e Pontencialidades em Pesquisa*, vol 2, Guarujá;SP:Científica Digital, 2023.
- BRASIL. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. *Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, v. 8, 2011.
- BRASIL, Boletim Epidemiológico. Brasília – DF: Secretaria de Vigilância Sanitária / Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis- DCCI / Ministério da Saúde, dez/2022.
- CARRARA, S. Discriminação, Políticas e Direitos Sexuais no Brasil. In: MONTEIRO, S., and VILLELA, W. comps. *Estigma e saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, pp. 143-160. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hrc5s/pdf/monteiro-9788575415344-11.pdf>.Acessado em: 23 jan./2023.
- CATIVO, Alan. Internet GLS. *Tropo*,ano 4,nº182,abril 2000 – p10-11
- CARVALHO, André; FAGUNDES, Márcia. *Adolescência*. 4ªed. Belo Horizonte – MG:Lê,1997 (Coleção pergunte ao José)
- DACROCE, Marlete; CORRÊA, J.C.da Silva. *Percepções e Expectativas dos Adolescentes Frente à Sexualidade Humana*. Sinop-MT: Ações Literárias,2021.
- DANIEL, Marc; BAUDRY, André. *Os Homossexuais*. Rio de Janeiro: Artenova, 1977
- DANTAS, Mariana de Sousa et al. HIV/AIDS: significados atribuídos por homens trabalhadores da saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 19 (2), 2015 (pp. 323-330)
- FONSECA, Maria Goretti et al. AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(Sup. 1), 2000 (pp. 77-87)
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1984.
- FERNÁNDEZ, Antonio Hernández; CAMARGO, Claudia de Barros. *Metodología de la Investigación Científica Para Educación Superior*. Asunción-PY: Escuela de Gobierno / Posgrado Columbia, 2019



- GAFO, Javier. Cristianismo e Homossexualidade luzes e Sombras de uma Interpretação Histórica. In.: VIDAL, Marciano et al. Homossexualidade, Ciência e Consciência. São Paulo: Loyola, 1985.
- GRANÚZZIO, Patrícia Magri. Gênero e sexualidade nas praticas escolares. UNIMEP. Disponível: www.serhomossexual.com.br. Acessado: 01/02/07.
- LASSO, Pablo. Sociologia da Homossexualidade: uma aproximação. In.: VIDAL, Marciano et al. Homossexualidade, Ciência e Consciência. São Paulo: Loyola, 1985.
- MAKIGUTI, Tsunessaburo. Educação para Uma Vida Criativa. Trad. Eliane Carpenter Fraga Lourenço. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- MOTT, Luís. Assassinatos Homossexuais no Brasil: Relatório Anual do Grupo Gay da Bahia. 2008. Disponível em: http://www.ggb.org.br/assassinatosHomossexuaisBrasil_2008_pressRelease.html. Acessado em 02/12/2010.
- MOTT, Luis. Cowboys gays: um filme sobre homofobia cultural. 2006. Disponível em: http://www.ggb.org.br/artigo_mott_brokebec.html Acessado em 15/05/09.
- REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. (Trad.) Ary Blaustein. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- REIS, Renata Karina; GIR, Elucir. Convivendo com a diferença: o impacto da sorodiscordância na vida afetivo-sexual de portadores do HIV/AIDS. Revista de Enfermagem USP, 44(3), 2010 (pp. 759-65)
- SILVA, Maria da Conceição Nogueira da. Sexualidade: O Conhecimento Do Corpo Como Educação Emancipatória. VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade- III Seminário Inernacional do Corpo, Gênero e Sexualidade – III Luso-brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Sa[ude e Sustentabilidade Resistência e Ocupações nos Espaços de Educação. FURG, 19 a 21 setembro, 2018. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27066> Acesso em: 21 nov.2023.
- SCHEFFER, Mário. Tecnologia, AIDS e ética em pesquisa. Interface – Comunicação, Saúde , Educação, vol.4, nº.6, Botucatu, Feb. 2000
- UNAIDS, UNAIDS reforça necessidade de estabelecer caminhos em direção a uma educação sexual abrangente. Disponível em: <https://unaid.org.br/2021/06/unaid-reforca-necessidade-uma-educacao-sexual-abrangente/>. Acesso em: 21 nov.2023.
- VAINFAS, Ronaldo. Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977
- VEYNE, Paul. A Homossexualidade em Roma. In.: ARIÉS, Philippe; BENJIN, André. Sexualidade de Acidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- VIDAL, Marciano et al. Homossexualidade, Ciência e Consciência. São Paulo: Loyola, 1985.